

INSTITUIÇÃO ORATÓRIA



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

Reitor
JOSÉ TADEU JORGE

Coordenador Geral da Universidade
ALVARO PENTEADO CRÓSTA



Conselho Editorial

Presidente

EDUARDO GUIMARÃES

ELINTON ADAMI CHAIM – ESDRAS RODRIGUES SILVA
GUITA GRIN DEBERT – JULIO CESAR HADLER NETO
LUIZ FRANCISCO DIAS – MARCO AURÉLIO CREMASCO
RICARDO ANTUNES – SEDI HIRANO

Comissão Editorial da Coleção Fausto Castilho Multilíngues de Filosofia Unicamp

ALEXANDRE GUIMARÃES TADEU DE SOARES (coord.)
BENTO PRADO (†) – DANIEL GARBER – EDUARDO GUIMARÃES
FAUSTO CASTILHO (†) – FRANKLIN LEOPOLDO E SILVA
GIULIA BELGIOIOSO – OSWALDO GIACOIA JÚNIOR

Marcos Fábio Quintiliano

INSTITUIÇÃO ORATÓRIA

Tomo IV

Livros X, XI e XII

Edição em latim e português

Tradução, apresentação e notas

Bruno Fregni Bassetto

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990. Em vigor no Brasil a partir de 2009.

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELO
SISTEMA DE BIBLIOTECAS DA UNICAMP
DIRETORIA DE TRATAMENTO DA INFORMAÇÃO
Bibliotecária: Maria Lúcia Nery Dutra de Castro – CRB-8ª / 1724

Q45i

Quintiliano.

Instituição oratória / Marcos Fábio Quintiliano; tradução, apresentação e notas: Bruno Fregni Bassetto. – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2016.

Tomo IV.

(Coleção Fausto Castilho Multilíngues de Filosofia Unicamp)

Edição em latim e português.

1. Discursos latinos. 2. Oratória antiga. 3. Retórica antiga. I. Bassetto, Bruno Fregni.
II. Título.

ISBN 978-85-268-1358-8

CDD 875.01

Título original: *Institutio oratoria*

Copyright © da tradução by Fundação Fausto Castilho

Copyright © 2016 by Editora da Unicamp

Direitos reservados e protegidos pela lei 9.610 de 19.2.1998.
É proibida a reprodução total ou parcial sem autorização,
por escrito, dos detentores dos direitos.

Printed in Brazil.
Foi feito o depósito legal.

Direitos reservados à

Editora da Unicamp
Rua Caio Graco Prado, 50 – Campus Unicamp
CEP 13083-892 – Campinas – SP – Brasil
Tel./Fax: (19) 3521-7718/7728
www.editoraunicamp.com.br – vendas@editora.unicamp.br

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	7
LIVRO X.....	11
LIVRO XI.....	175
LIVRO XII.....	381

APRESENTAÇÃO

Seguindo as divisões dos códices, normalmente aceitas pelos filólogos e por especialistas na reconstituição de textos manuscritos, o presente volume, que constitui o quarto e último Tomo da *Quintiliana*, engloba os Livros X, XI e XII da *Institutio*. Embora o texto esteja relativamente bem conservado, alguns tópicos corrompidos têm causado alguma dificuldade de entendimento; nada, porém, que proporcione maiores problemas.

O Livro X tem sido o mais estudado, certamente devido a seu caráter mais prático, em boa parte divergente dos anteriores, voltados aos aspectos em geral teóricos. Nele são estudadas as fontes do orador, a começar pelo conhecimento do léxico da língua, com a possibilidade do uso de sinônimos, a que os antigos davam considerável importância, a fim de evitar a monotonia das repetições; esse fato se pode facilmente observar no próprio Quintiliano. Todavia, o autor atribui à leitura um papel fundamental na formação do orador; afirma, porém, que seria impossível enumerar todos os autores formadores dessa fonte de toda espécie de conhecimentos. Contudo, cita nomes considerados grandes na oratória, na poética, na história, na filosofia, na comédia e na sátira; cita exemplos desses diversos gêneros literários tanto latinos como gregos, mostrando haver estreito e profundo relacionamento entre essas duas literaturas. Essas referências serviram de fonte para o estudo da literatura clássica nas épocas posteriores.

Não sendo, porém, possível ler tudo, urge fazer previamente uma seleção, fato que leva a crer ter sido abundante a literatura disponível, contrariamen-

te ao que se poderia imaginar; basta lembrar que Aulo Gélcio (130-180 d.C.) cita cerca de 250 autores, dos quais nem sequer os nomes nos seriam conhecidos sem suas referências. Mesmo nesses autores selecionados, o que se colhe é de valor desigual para o acervo de conhecimentos adquiridos, porque até os maiores expoentes não mantêm sempre o mesmo padrão de qualidade. O autor cita como exemplo, “*conforme parecia a Cícero que Demóstenes por vezes cochila e o mesmo se afigurava a Horácio quanto ao próprio Homero*” (I, 24). Urge então proceder a nova seleção, sobretudo relativa ao que imitar no estilo da redação e do vocabulário. Para tanto, é preciso que a leitura seja completa, incluindo o que foi dito pelas duas partes, o que auxilia bastante na montagem da estrutura geral da peça oratória.

A correção da linguagem é outro ponto frisado, qual eco do que veio sendo dito ao longo de toda obra, dentro das várias formas de composição; aborda as paráfrases, os lugares-comuns, as traduções (do grego para o latim) e as declamações. Práticas são as observações sobre os discursos de improviso, em que o orador se valerá de todo acervo acumulado através de leituras, estudos e experiências.

O passo seguinte é a emissão do discurso, assunto do Livro XI: “*A próxima tarefa consiste em nos expressarmos de modo adequado; essa é a quarta propriedade da elocução, bem demonstrada por Cícero, e que é absolutamente indispensável, segundo penso*” (I, 1). Aborda com detalhes os vários aspectos a serem levados em conta. A postura geral deve ser adequada ao assunto, às pessoas e ao objetivo do discurso, isto é, “*informar e influenciar o juiz*” (I, 2). Daí manifestações de arrogância e atitudes que sugiram simples autopromoção devem ser descartadas, enquanto ridicularizar não é aconselhável na maioria das situações. As piadas, ou os *ditos jocosos*, podem aliviar tensões, mas é indispensável que não suscitem sensibilidades dos diversos estratos sociais.

Em seguida, o autor disserta sobre a memória, elemento instrumental absolutamente indispensável para o orador, em especial nos casos em que for necessário improvisar. Indica algumas técnicas de memorização, sem dúvida válidas ainda hoje, que ajudam a aumentar esse “*tesouro da eloquência*”. Além de ser um dom da natureza, de que até certos animais parecem dispor, a memória pode e deve ser melhorada e ampliada pelo estudo e pelo exercício.

Aspectos importantes na emissão, a voz, a postura, a respiração e a gesticulação são então bem descritas, com detalhes conforme as circunstâncias. Assim, descreve uma variedade de posturas do corpo, como a de nunca dar as costas aos juízes; a multiplicidade de gestos da cabeça, dos olhos, dos braços,

dos pés, das mãos e até dos dedos e das unhas, a fim de adequar os detalhes da gesticulação ao que se está dizendo; a precisão desses gestos provém certamente da experiência do professor de retórica e do advogado de muitas causas, embora alguns gestos descritos pareçam complicados. Obviamente, o aspecto exterior e os trajes do bom orador seguem prescrições rigorosas: *“Deve apresentar-se bem-apessoado e viril. Ora, a toga, o calçado e os cabelos merecem o devido tratamento, sendo condenável todo excesso tanto em seu cuidado como em sua negligência”* (III, 137). A toga merece observações minuciosas e detalhadas, para nós um tanto obscuras e inócuas, uma vez que nos vestimos de modo diferente, mas de grande peso para a época e para o autor, que indica até sua evolução histórica. Todavia, mesmo admitindo que nem tudo é absoluto, aponta certos aspectos que considera inadmissíveis, frisando que o orador não é um comediante.

O Livro XII é uma espécie de retrospecto de toda a obra, como uma aplicação prática do exposto, tanto que, no início do proêmio, Quintiliano afirma: *“Chegou-se à parte de muito longe a mais importante deste trabalho, fruto de grande perseverança”*. Nos parágrafos seguintes, persegue sua ideia do orador perfeito: *“o homem bom, perito na arte de falar”*. Seu grande ideal, perseguido através de tantas páginas, é o homem moralmente íntegro com perfeito domínio da arte oratória. Um ótimo orador só será completo se for, ao mesmo tempo, moralmente íntegro. Vasculha a história à cata dessa figura ideal: examina minuciosamente as figuras de Demóstenes e de Cícero, considerados por ele os maiores expoentes da arte oratória; no entanto, ápices incontestes de perfeitos oradores, o lado da integridade moral apresenta falhas, embora pequenas. Conclui que de fato ninguém ainda havia atingido o fastígio da perfeição sob ambos os aspectos.

Em vista dessas imperfeições, o autor aborda situações complexas, como um homem bom pode defender um criminoso e um não íntegro ser correto em sua ação nas causas. A ausência da integridade moral é a fonte das mentiras, que nunca são admissíveis, dos subornos, da corrupção de testemunhas e de juízes e de outros desvios, que desvirtuam o grande ideal de justiça. Por outro lado, o desconhecimento dos ditames da arte oratória, no *dicendi peritus*, pode também originar desvios: daí a necessidade absoluta da presença no orador tanto da integridade moral como da sabedoria jurídica.

Nos parágrafos seguintes, o autor aponta alguns meios com os quais é possível conquistar e reforçar a integridade moral, que é uma tendência dada pela natureza, o que nos aproxima dos deuses. Nesse sentido, é altamente

recomendável que o orador detenha o conhecimento de exemplos de integridade moral; o acatamento dos antepassados e de suas virtudes, preferentemente nacionais, sem menosprezar as estrangeiras, reforça a tendência natural, ao lado da firmeza e da atenção de pensamento. Outro fator de peso reside na maturidade do orador, a qual só se alcança pela experiência, fato que leva o autor a discutir em que idade é melhor iniciar-se nas lides forenses.

Adquirida a habilidade suficiente, o orador deverá escolher as causas que aceitará, preferindo defender réus a reduzi-los a essa condição. Também o aspecto delicado dos honorários advocatícios é discutido, em que convém “*não vender nosso trabalho nem diminuir o valor de uma atividade tão benéfica*” (VII, 8). Para realizar com perfeição esse trabalho, é indispensável um estudo minucioso de cada processo, sem nunca fazer do aplauso o objetivo primordial, como não raro acontecia; também fugir das invectivas evitáveis, objetivo conseguido por meio de uma boa preparação na escrita e na elocução do discurso, o que ajudará em muito nos improvisos.

Por fim, aponta os vários tipos de oratória, fazendo comparações com a escultura e a pintura, bem como um cotejo entre a oratória grega e a romana. Tendo anteriormente tratado da idade apta para se iniciar, fala agora sobre a época de se retirar das lides forenses e das possibilidades de aproveitar o tempo disponível, aplicando diligência na ampliação dos conhecimentos.

Bruno Fregni Bassetto

INSTITUIÇÃO ORATÓRIA

INSTITUTIO ORATORIA

LIVRO X

LIBER X

LIBER X

I. SED haec eloquendi praecepta, sicut cogitationi sunt necessaria, ita non satis ad vim dicendi valent, nisi illis firma quaedam facilitas; quae apud Graecos *ῥῆξις* nominatur, accesserit: ad quam scribendo plus an legendo an dicendo conferatur, solere quaeri scio. Quod esset diligentius nobis examinandum, si qualibet earum rerum possemus una esse contenti. Verum ita sunt inter se conexa et indiscreta omnia ut, si quid ex his defuerit, frustra sit in ceteris laboratum. Nam neque solida atque robusta fuerit unquam eloquentia nisi multo stilo vires acceperit, et citra lectionis exemplum labor ille carens rectore fluitabit; et qui sciet quae quoque sint modo dicenda, nisi tamen in procinctu paratamque ad omnes casus habuerit eloquentiam, velut clausis thesauris incubabit. Non autem ut quidquid praecipue neces-

LIVRO X

I. 1. Essas regras de linguagem, assim como são necessárias para o pensamento, não dispõem de força suficiente para a elocução do discurso, a não ser que lhes seja atribuída certa capacidade constante, que é chamada ἥξις [‘hécsis’]¹ entre os gregos: tenho conhecimento de que é costume perguntar se ela é adquirida mais facilmente quando se escreve do que quando se lê ou se fala. Cumpre que examinemos esse aspecto com mais cuidado, caso queiramos nos contentar apenas com uma dessas três possibilidades.

2. Na verdade, estão interligadas entre si e de tal modo inseparáveis a ponto de, se delas algo faltar, em vão se trabalhará com todo o restante. De fato, a eloquência nunca será firme e vigorosa, se não receber reforços constantes por meio de muito exercício de escrever; e sem exemplos advindos de leituras, todo esse empenho vagará como um navio sem piloto. E até quem souber o que e como dizer, mas se não tiver à mão a eloquência preparada para todas as eventualidades, como que deixará ocultos tesouros reveláveis.

3. Entretanto, não do mesmo modo que algo se torna totalmente neces-

sarium est, sic ad efficiendum oratorem maximi
protinus erit momenti. Nam certe, cum sit in
eloquendo positum oratoris officium, dicere ante
omnia est, atque hinc initium eius artis fuisse mani-
festum est; proximam deinde imitationem, novissi-
4 mam scribendi quoque diligentiam. Sed ut perveniri
ad summa nisi ex principiis non potest, ita pro-
cedente iam opere etiam minima incipiunt esse
quae prima sunt. Verum nos non, quomodo insti-
tuendus orator, hoc loco dicimus; nam id quidem
aut satis aut certe uti potuimus dictum est; sed
athleta, qui omnes iam perdidicerit a praeceptore
numeros, quo genere exercitationis ad certamina
praeparandus sit. Igitur eum, qui res invenire et
disponere sciet, verba quoque et eligendi et collocandi
rationem perceperit, instruamus, qua ratione quod
didicerit facere quam optime, quam facillime possit.
5 Num ergo dubium est, quin ei velut opes sint
quaedam parandae, quibus uti, ubicunque desidera-
tum erit, possit? Eae constant copia rerum ac
6 verborum. Sed res propriae sunt cuiusque causae
aut paucis communes, verba in universas paranda;
quae si in rebus singulis essent singula, minorem

sário a um objetivo, aqueles três elementos seriam de máxima e imediata importância na formação do orador. Ora, com certeza, o ofício do orador reside, antes de tudo, no discursar, em falar; e é evidente que desse fato teve início sua arte. É claro ainda que a imitação foi o passo seguinte e a dedicação à escrita foi o passo derradeiro.

4. Todavia, como não se pode chegar ao apogeu, senão partindo dos respectivos princípios, da mesma maneira, já com o avanço do trabalho, também os mínimos detalhes começam a ter uma importância de primeira ordem. De fato, nós não informamos neste tópico como o orador deve ser formado, pois aquilo que realmente foi possível dizer, certa e suficientemente, já ficou dito. No entanto, o atleta, que já tiver aprendido bem do professor todos os recursos de sua arte, deve ser preparado para cada disputa conforme o tipo específico de preparação. Assim sendo, é necessário que instruamos aquele que souber encontrar e ordenar o assunto, inclusive as palavras adequadas, e tiver assimilado também o modo de selecioná-las e distribuí-las, a fim de que aplique o que aprendeu da melhor e da mais fácil maneira possível.

5. Porventura resta então alguma dúvida de que é preciso preparar-lhe certos recursos, de que ele possa lançar mão em qualquer situação, quando for solicitado? Para isso existe boa quantidade de coisas e de palavras.

6. Contudo, existem coisas próprias de cada causa ou coisas comuns entre poucas; as palavras devem estar preparadas para todas as causas; caso elas fossem únicas para cada coisa individualmente, exigiriam menos cuidado, já

- curam postularent, nam cuncta sese cum ipsis protinus rebus offerrent. Sed cum sint aliis alia aut magis propria aut magis ornata aut plus efficientia aut melius sonantia, debent esse non solum nota omnia sed in promptu atque, ut ita dicam, in conspectu, ut, cum se iudicio dicentis ostenderint, facilis
7 ex his optimorum sit electio. Et quae idem significarent solitos scio ediscere, quo facilius et occurreret unum ex pluribus et, cum essent usi aliquo, si breve intra spatium rursus desideraretur, effugiendae repetitionis gratia sumerent aliud quod idem intelligi posset. Quod cum est puerile et cuiusdam infelicis operae tum etiam utile parum; turbam tantum modo congregat, ex qua sine discrimine occupet proximum quodque.
- 8 Nobis autem copia cum iudicio paranda est vim orandi non circulatoriam volubilitatem spectantibus. Id autem consequemur optima legendo atque audiendo; non enim solum nomina ipsa rerum cognoscemus hac cura, sed quod quoque loco sit
9 aptissimum. Omnibus enim fere verbis praeter pauca, quae sunt parum verecunda, in oratione locus est. Nam scriptores quidem iamborum veterisque comoediae etiam in illis saepe laudantur, sed nobis

que imediatamente se fariam reconhecer pelas próprias coisas mencionadas. Como, porém, umas em relação às outras são ou mais próprias, ou mais literárias, ou mais significativas, ou mais sonoras, todas devem ser não só destacadas, mas também que estejam à mão e, para dizê-lo assim, à vista, para que, quando forem expressas segundo juízo do orador, facilmente seja feita a escolha das melhores.

7. Sei também que há os que costumam fazer decorar os sinônimos, para que mais facilmente tanto lhes ocorra um dentre vários, como tendo empregado algum, caso se deseje usá-lo novamente, num breve espaço de tempo, com o objetivo de evitar uma repetição, se possa usar um outro, que tenha o mesmo significado. Isso se afigura tanto infantil e próprio de certos trabalhos estéreis, como também um pouco útil; esse processo apenas amontoa uma multidão de palavras, de que se retira uma qualquer sem avaliação adequada.

8. Todavia, o elenco de palavras deve ser preparado criteriosamente por nós, que visamos à força do discursar e não à volubilidade de um charlatão. Isso, porém, obtemos lendo e ouvindo o que houver de melhor. Com essa preocupação, ficaremos conhecendo não só os nomes próprios das coisas, mas também o que é mais adequado em qualquer ocasião.

9. Ora, há lugar no discurso para quase todas as palavras, com exceção de umas poucas por serem menos respeitáveis. Realmente, porém, escritores de jambos² e da comédia antiga muitas vezes as empregam, mas para nós basta

nostrum opus intueri sat est. Omnia verba, exceptis de quibus dixi, sunt alicubi optima; nam et humilibus interim et vulgaribus est opus, et quae nitidiore in parte videntur sordida, ubi res poscit,
 10 proprie dicuntur. Haec ut sciamus atque eorum non significationem modo sed formas etiam mensurasque norimus, ut, ubicunque erunt posita, conveniant, nisi multa lectione atque auditione assequi nullo modo possumus, cum omnem sermonem auribus primum accipiamus. Propter quod infantes a mutis nutricibus iussu regum in solitudine educati, etiamsi
 11 verba quaedam emisisse traduntur, tamen loquendi facultate caruerunt. Sunt autem alia huius naturae, ut idem pluribus vocibus declarent, ita ut nihil significationis, quo potius utaris, intersit, ut *ensis* et *gladius*; alia vero, etiamsi propria rerum aliquarum sint nomina, τροπικῶς quasi tamen ad eundem
 12 intellectum feruntur, ut *ferrum* et *mucro*. Nam per abusionem *sicarios* etiam omnes vocamus, qui caedem telo quocunque commiserint. Alia circuitu verborum plurium ostendimus, quale est *Et pressi copia lactis*.

que nos concentremos em nosso trabalho. Todas as palavras, excetuadas as citadas há pouco, são perfeitamente utilizáveis em qualquer tópico; pois por vezes se fazem necessárias também as simples e as vulgares; e as que se afiguram ignóbeis na parte mais brilhante podem ser ditas com propriedade, sempre que o assunto o exija.

10. Para que nos apropriemos do conhecimento desses detalhes sobre as palavras, e não apenas do significado delas, mas também das formas e da cadência rítmica, a fim de que se enquadrem onde quer que sejam colocadas, isso não podemos alcançar a não ser lendo e ouvindo muito, já que aprendemos a falar primeiramente através da audição. Por isso, crianças que foram educadas por nutrízes mudas e em total isolamento por ordem de reis, embora se afirmem terem elas emitido algumas palavras, não adquiriram a faculdade da fala.

11. Contudo, há algumas palavras de tal natureza que significam a mesma coisa com sons diferentes, de modo que nada, de que poderias lançar mão, as distingue na significação, como *ensis* e *gladius*;³ outras, porém, embora sejam os nomes de determinadas coisas, τροπικῶς [*tropikôs*], ‘figuradamente como um tropo’, levam a um mesmo significado, como *ferrum*, ‘ferro’, e *mucro*, ‘ponta de espada ou de dardo’, ‘espada’.

12. De fato, por catacrese chamamos também de *sicários*⁴ a todos os que cometem assassinato com arma branca. Em outros casos expressamos ideias por meio de perífrase, como em: *Et pressi copia lactis*.⁵ Com efeito, muitas

- Plurima vero mutatione figuramus: Scio *Non ignoro* et *Non me fugit* et *Non me praeterit* et *Quis nescit*?
- 13 et *Nemini dubium est*. Sed etiam ex proximo mutuari libet. Nam et *intelligo* et *sentio* et *video* saepe idem valent quod *scio*. Quorum nobis ubertatem ac divitias dabit lectio, ut non solum quomodo occurrent sed
- 14 etiam quomodo oportet utamur. Non semper enim haec inter se idem faciunt; nec sicut de intellectu animi recte dixerim *video* ita de visu oculorum *intelligo*, nec ut *macro* gladium sic mucronem *gladius*
- 15 ostendit. Sed ut copia verborum sic paratur, ita non verborum tantum gratia legendum vel audiendum est. Nam omnium, quaecunque docemus, hoc sunt exempla potentiora etiam ipsis quae traduntur artibus, cum eo qui discit perductus est, ut intelligere ea sine demonstrante et sequi iam suis viribus possit, quia, quae doctor praecepit, orator ostendit.
- 16 Alia vero audientes, alia legentes magis adiuvant. Excitat qui dicit spiritu ipso, nec imagine et ambitu